

humanitas

Vol. XLVII - Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVII • TOMO II
MCMXCV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



GLADSTONE CHAVES DE MELO

Universidade Federal Fluminense

RADIOGRAFIA DE MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis é uma das minhas maiores devoções literárias. Desde os remotos tempos da adolescência. Por volta dos quinze anos descobri-o, e logo me encantaram suas irreverências, suas imagens tão expressivas, as originalíssimas comparações e, sobretudo, a língua fluente e rara. Mas não direi novidade acrescentando que, então, no «bruxo», me atraía o pitoresco, o chistoso, o inesperado, que obrigavam a permanente tensão: não se vá pedir mais a um donzel introvertido e imberbe!

Mas nunca deixei de freqüentar o irresistível escritor, não obstante o juízo sumário que, em péssimo trocadilho, me fazia um obtuso amigo — «mais chato de Assis». E com o tempo e com as releituras creio que pude, finalmente, descobrir o «segredo do bonzo».

Sobre ele já escrevi dois ensaios, publicados em Coimbra (1964) e em Lovaina, Bélgica (1975), e já dei sobre ele um Curso de Extensão na Universidade Clássica de Lisboa.

Foi, longe, o maior vulto da literatura brasileira, de tal modo que, se se puser ele num prato da balança e no outro os outros, todos, ela pende machadiana. «Logicamente», deveria ter sido o contrário do que foi. Pobre, mulato, gago, epiléptico, tropical, de escolaridade só primária, filho de um pintor de paredes e de uma lavadeira açoriana, vindo à luz numa casinha do Morro Livramento, espírito desabrochado em pleno Romantismo, ele, de acordo com os esquemas «científicos», tinha de ser um ressentido, quando não um revel e, mais, derramado, palavroso, desequilibrado, grosso de enxúndia verbal. Pois não: saiu-nos um ateniense do século de Péricles.

De propósito comecei pelo fim. Para antecipar minha conclusão, extrapolante da crítica naturalista, contestante da crítica «oficial», recalci-trante à crítica «universitária» e desdenhante da crítica ideológica, esta perfeitamente vesga.

Há cem anos, para se fazer crítica e história literária, impunha-se-nos conhecer o meio físico, com suas linhas isotérmicas e isóbaras, falar da raça, e dissecar o momento cultural em que vicejou este ou aquele autor, que então aí surgia como um produto, por assim dizer, fatal, uma espécie de cogumelo estético. Depois foi o biografismo, a sondagem dos escaninhos, com vistas a explicar os personagens do romance, conto ou novela pelo equipamento intelectual, os complexos, idiosincrasias e conflitos do autor, consigo mesmo e com seu «ambiente». Hoje, de um lado é o exame da obra como uma sorte de *ens a se*, como um objeto autónomo e desligado, uma partida de xadrez sem jogadores; de outro lado, é a crítica «ideológica» que valoriza ou desvaloriza o autor na medida em que ele «se engajou» na luta pela «libertação» ou ficou a leste, desinteressado e criminoso.

Primeiro, a terra e o clima explicavam o romance e poema; depois, o autor, com seus recalques, explicava a obra; finalmente, esta se auto-explica e deve ser analisada em si mesma, qual meteorito caído de algum ponto do espaço. Ou, sem começo nem fim, o autor só pode ser visto como um militante ou como um desertor, aplaudido ou vaiado.

Como sempre, as posições extremadas deformam, diminuem ou distorcem: a realidade é complexa demais para ser olhada numa só faceta.

No caso de Machado de Assis, uma análise meramente formal prejudicaria sensivelmente a reta visão e impossibilitaria uma exegese global da obra.

Por outro lado, a crítica tradicional, que longamente se debruçou sobre ele — contam-se por centenas os ensaios! — a crítica foi quase unânime em ver, no «bruxo», um grande autor, o maior, sem dúvida, mas um autor seco, amargo, pessimista, até (para alguns) destruidor da crença no homem e da crença em Deus.

Depois deste julgamento, veio discreta, mas firme, uma tentativa de recusa, por parte da crítica «ideológica»: Machado de Assis não mereceria consideração, por ter sido um «desengajado», obstinadamente recluso em sua torre de marfim. Não se teria preocupado com os problemas sociais de sua época, nomeadamente o da escravidão (o que nem sequer é verdade) e, por isso, não seria mais que um marginal, um burguês que escreveu para divertir os burgueses. Não se fale nele, pois!

Discordo convicto da crítica oficial e da crítica ideológica. Entendo que o príncipe do Cosme Velho não foi um pessimista, no sentido rigoroso do termo, não descreu do homem nem de Deus, não se desinteressou dos problemas do seu tempo, não escreveu para entreter os ócios burgueses.

Aqui até pelo contrário: uma das suas excelências foi, precisamente, denunciar o erro-de-raiz da filosofia burguesa de vida, quando estava no auge a civilização dela nascida.

Também foi um belo exemplo de *self-made-man*: superou galhardo seus precários começos, aprendeu francês, inglês e alemão, construiu uma notável cultura, de informação literária mas de bom conteúdo humanístico, tornou-se o mais perfeito prosador brasileiro da língua portuguesa contemporânea. Sem fazer qualquer concessão, galgou passo a passo todos os postos da vida literária, e morreu, cercado do geral respeito, como Presidente perpétuo da Academia Brasileira de Letras, que ele ajudara a fundar.

Ora, estranho seria que tal homem, decidido apostador no próprio esforço, que tal homem não cresse no homem. Mais: cultivou devotas admirações, quais a Henriqueta Renan, a Leão XIII, ao bispo-mártir D. Vital de Oliveira, a José de Alencar, escritor, aliás, de atitudes e tendências muito diversas das suas.

Quanto à segura e alheamento, trago para aqui uma prova cabal em contrário, fazendo conhecer o inteiro teor de uma carta escrita pelo mestre a certa menina de doze anos que o presenteara com um gatinho.

Facultou-me o precioso original um saudoso amigo, Herculano Borges da Fonseca, atavicamente ligado a Machado de Assis, já que alguns antepassados seus privaram com o casal, particularmente com D. Carolina.

A delicadeza do «inafetivo» chega ao ponto de escrever agradecendo à menina como se missivista fosse o próprio inocente bichano:

D. Alba

Só agora posso pegar na pena e escrever-lhe para agradecer o obséquio que me fez mandando-me de presente ao velho amigo Machado. No primeiro dia não pude conhecer bem este cavalheiro; ele buscava-me com palavrinhas doces e estalinhos, mas eu fugia-lhe com medo e metia-me pelos cantos ou embaixo dos aparadores. No segundo dia já me aproximava, mas ainda cauteloso. Agora corro para ele sem receio, trepo-lhe aos joelhos e às costas, ele coça-me, diz-me graças, e, se não mia como eu, é porque lhe custa, mas espero que chegue até lá. Só não consente que eu trepe à mesa, quando ele almoça ou janta, mas conserva-me nos joelhos e eu puxo-lhe os cordões do pijama.

A minha vida é alegre. Bebo leite, caldo de feijão e de sopa, com arroz, e já provei alguns pedaços de carne. A carne é boa; não creio, porém, que valha a de um camundongo, mas camundongo é que não há aqui, por mais-que os procure.

Creio que desconfiaram que há mouro na costa, e fugiram.

Quando virá ver-me? Eu não me canso de ouvir ao Machado que a senhora é muito bonita, muito meiga, muito graciosa, o encanto de seus pais.

E seus pais, como vão? Já terão descido de Petrópolis? Dê-lhes lembranças minhas, e não esqueça este jovem

Gatinho preto.

Aí está. Só fico a admirar (e invejar) como escreve bem este animalzinho. Melhor do que os atuais vitoriosos autores, inclusive os laureados e os escapados da lei da morte.

É hora já de perguntar: onde está o pessimista amargo, onde o cético radical, onde o cínico peçonhento?

O verdadeiro pessimista professa a maldade essencial da natureza humana, a todos nivela no mesmo pântano, explica *todos* os atos humanos por motivos interesseiros ou sórdidos, quando não — em nossos dias — prefere tudo reduzir às glândulas, aos ressentimentos, às díspares condições econômicas, aos conflitos familiares ou sociais. Acha que nada vale nada, que todos têm seu preço em dinheiro e que os atos aparentemente heróicos não passariam de vaidade e exibicionismo, ou — noutra vertente — se deveriam diagnosticar como formas de loucura, mansa ou furiosa.

*

* *

Não é isto que se encontra em Machado de Assis. Ele foi um agudo, profundo e quase cruel escafandro da alma humana. Punha a descoberto os mais recônditos pensamentos, as mais secretas motivações dos seus personagens, para denunciar a constante e envenenada presença do amor-próprio, o grande inimigo da perfeição moral. Analisou os diversos comportamentos e as diferentes simulações do «moi de surface», a tremenda importância que a Opinião exerce nos atos das pessoas. Numa palavra, mostrou resoluta a fragilidade moral dos homens.

Mas tinha um endereço certo: o sujeito integrado nessa «civilização de aparências», que é a individualista burguesa. Está claro que não me refiro à classe social, mas ao estado de espírito e à escala de valores que historicamente coincidiram com a ascensão da burguesia e que, nada obstante, se pode encontrar em antigos nobres e em proletários, e pode não se encontrar num indivíduo da classe média, como no-lo mostra a experiência cotidiana. Trata-se, isto sim, da natural confluência, ao longo do tempo, das tendências antropocêntricas pagãs do Renascimento.

A obra de ficção de Machado de Assis claramente se distribui por duas fases bem distintas: uma primeira, que coincide com a temperada

adesão ao Romantismo, convencional, bem-comportada, agradável às ociosas mulheres de então; a segunda, revelada por volta de 1880, personalíssima, independente, realista, apostada em mostrar o lado ridículo das ocupações e preocupações humanas, percuciente, fria, miudamente pontilhada de *humour*. Aí é que surge o grande Machado, sensivelmente a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o defunto autor, que, no além-túmulo, despojado das vaidades e livre das conveniências de aquém-túmulo analisa, com incômoda lucidez, os dramas, as tramas e as banalidades desta arena sublunar:

Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as colunas máximas da opinião.
(«Ao leitor», ed. Garnier, p. IX-X)

Realmente, na altura dos 40 anos, «nel mezzo del camin», Machado de Assis terá passado por uma grave crise, uma intensa vibração interior, uma dolorosa experiência existencial, qualquer coisa a que poderíamos hoje chamar «angústia metafísica». Vários fatores te-lo-iam levado a esta «pausa para meditação»: o agravamento da epilepsia, o sentimento da morte, a meditada leitura e releitura de Pascal e do *Eclesiastes*, o atento debruçar sobre o espetáculo da vida, a tomada-de-consciência do «desconcerto do mundo», a corajosa indagação acerca do sentido final de todas as coisas.

Depois de viúvo, privado da sua confidente e do seu anjo-da-guarda, «a meiga Carolina», o velho se abre, quase a medo, com alguns amigos diletos e confessa-lhes que desde a mocidade lera Pascal e que se consolara no desconsolo do *Eclesiastes*, esse desafiante livro bíblico.

*
* *

Pascal (1623-1662) é um dos homens mais inteligentes que a humanidade tem conhecido. É, simplesmente, um gênio. Matemático e físico, deixada a vida dos salões, pôs para si mesmo a grande interrogação e, crente, voltou-se todo para Deus.

Planejou uma obra de largo fôlego, uma grande apologética da religião cristã, jamais levada a cabo. Preparara-se longamente para seu *opus magnum*, que se lhe tornou constante preocupação. Enquanto não a amadurecia, ia tomando notas (em folhas e pedaços de papel) das idéias-maiores que lhe iam ocorrendo. Morto prematuramente, 39 anos, feneceu a

empresa. Os parentes e amigos só encontraram sobre a mesa do sábio uma montoeira de papéis desconexos, alguns já com larga redação, outros com observações sintéticas, tais outros com meros lembretes.

Em 1670 seus admiradores publicaram esse desconjuntado material sob o gordo título de *Pensamentos do Senhor Pascal sobre a Religião e sobre alguns assuntos mais, que foram encontrados depois da morte do Autor, entre seus papéis*.

A esta primeira muitas edições se seguiram de *Pensées*, um dos mais controversos livros que se têm publicado nestes 300 anos.

A discussão vem do arranjo das idéias, do esforço de adivinhar o plano do grande autor. Strowski, Brunschvicg, Chevalier, Jovy, Tournour, Journet são alguns nomes cimeiros da controvérsia pascaliana. Em todo caso, é ponto pacífico (porque assenta num informe do próprio imenso autor), é ponto pacífico que *Pensées* se divide em duas grandes partes fundamentais: miséria do homem sem Deus, felicidade do homem com Deus.

Se mo permitem, vejo bastante analogia entre o caso de Pascal e o de Machado de Assis: ambos, inteligentíssimos, atravessaram angustiosa crise existencial. O francês, envolvido numa densa atmosfera religiosa, optou por uma entrega total a Cristo; o brasileiro, respirando uma rarefeita atmosfera de catolicismo medíocre e regalista, optou pela denúncia de todas as imposturas, pela busca do autêntico, pela incansável procura da verdade final, que só entreviu, claramente aliás, quatorze anos antes da morte, ocorrida em 1908.

Tenho para mim, quase sem hesitação, que o Pascal da «miseria do homem sem Deus» é que enfeitiçou Machado, nas suas leituras, na longa freqüentação. Acontece, porém, que o inventor da máquina de calcular foi muito influenciado pelo jansenismo, a ponto de ter escrito as *Provinciales*, logo posto no *Index Librorum Prohibitorum* (1657).

Ora, o jansenismo é fundamentalmente uma reedição do calvinismo, por sua vez variante do luteranismo. Em todos o mesmo erro dogmático, ou seja, o da irremediável corrupção da natureza humana, em consequência do pecado original. Daí, o pessimismo: sem a Graça, o homem só é capaz de pecado, tese que a Igreja nunca aceitou e até condenou desde a primeira hora. Para ela, o batismo efetivamente destrói o pecado, dele ficando na alma apenas as cicatrizes.

Machado de Assis, é claro, não tinha nem podia ter instrução religiosa para fazer tais distinções. E, portanto, sem o saber, acolheu o pessimismo teológico de Pascal e não teve olhos de ver para os muitos tópicos onde o sábio fala da grandeza humana, que começa pelo pensamento, continua na vontade reta e atinge o cimo no ato de Caridade, no amor a

Deus e, por causa Dele, a todos os homens. Machado fala no «caniço pensante», mas não tirou dele as conseqüências. Pelo contrário, fez dele matéria de glosa à instabilidade afetiva e moral:

Mas é isso mesmo que nos faz senhores da terra, é esse poder de restaurar o passado, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos. Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.

(*Brás Cubas*, cap. 27, §4)

Vede como ficou longe do autor aí invocado:

L'homme n'est qu'un roseau, le plus faible de la nature; mais c'est un roseau pensant. Il ne faut pas que l'univers entier s'arme pour l'écraser: une vapeur, une goutte d'eau suffit pour le tuer. Mais, quand l'univers l'écraserait, l'homme serait encore plus noble que ce qui le tue, puisqu'il sait qu'il meurt, et avantage que l'univers a sur lui, l'univers n'en sait rien.

Ou então:

Il n'y a que trois sortes de personnes: les uns qui servent Dieu, l'ayant trouvé; les autres qui s'emploient à le chercher, ne l'ayant pas trouvé; les autres qui vivent sans le chercher ni l'avoir trouvé. Les premiers sont raisonnables et heureux, les derniers sont fous et malheureux, ceux du milieu sont malheureux et raisonnables.

Só mais tarde, depois de viver mais a vida, depois de muitas vezes reler o *Eclesiastes* e de fazer uma descoberta cintilante é que ele passará a compreender a crescente grandeza do homem voltado para aquele Deus descoberto e amado.

A Machado de Assis foi-lhe, com certeza, dolorosa a experiência do mergulho nas trevas do *nada*, como, aliás, se adivinha de páginas supostamente autobiográficas, qual «O delírio» do *Brás Cubas*:

- E porque Pandora?
- Porque levo na minha bolsa os bens e os males, e o maior de todos, a esperança, consolação dos homens. Tremes?
- Sim; o teu olhar fascina-me.
- Creio; eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada.

(*Ibid.*, cap.7, §20-23)

A mesma idéia vamos encontrar num poema da segunda fase «A uma criatura», «antiga e formidável, que a si mesma devora os membros e as entranhas», criatura que, no fim, ficamos sabendo ser a Vida e não a Morte, como naturalmente se seria levado a supor.

Tal experiência ontológica é apavorante, exige um arcabouço mental muito rijo, um equipamento filosófico solidíssimo, principalmente a luz da Fé, — para não desnortear e lançar no pessimismo radical. Machado terá sofrido a tentação de tal pessimismo. Terá — quem sabe! — vez por outra sucumbido à tentação, terá passado por uma fase opaca, sentindo travo e cinza na boca, abismos na alma, perturbação na inteligência, paralisia na sensibilidade.

Mas esta «noche oscura» foi vencida, e o nosso homem caminhou para uma pacificação espiritual finalmente atingida, como mostraremos.

Entretanto aplicou — e até os últimos romances e contos — aplicou a análise dissolvente e negativista, exatamente para denunciar o desvio fundamental da filosofia-de-vida burguesa, individualista e egocêntrica.

Convencido desse mortal erro de clave, pô-lo a nu e combateu-o, não com atitude de apóstolo ou militante, que não era de seu feitio, mas com a arma do ridículo e do *humour*. Uma das técnicas que mais empregou foi tratar com gravidade as coisas fúteis e à ligeira as coisas sérias ou seriíssimas (exceto a morte). Quer obstinadamente, mas com ar de quem não se empenha, como quem sorri, como quem não acredita em nada, quer deixar patente a miséria moral de um tipo humano que ostenta virtude, mas interiormente está corroído, porque desligou a Moral de suas verdadeiras bases, a Justiça e o Amor.

De fato, repugnava-lhe toda forma de hipocrisia, de fingimento, de empulhação. Noutra mirada, como que se comprazia em ver o lado grotesco e ridículo dos homens e das situações. Claro que é um modo, um estilo de pugnar pela verdade, de buscar e valorizar o essencial, o absoluto, o imperecível.

Rico exemplário disto encontramos no romance-marco, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que até, bem lido, nos será muito salutar, porque contém lições de espiritualidade e de aversão às liturgias do prestígio e do poder. Um livro que pode ajudar-nos muito a aprender a zombar de nós mesmos, de nossas loucas corridas atrás do Nada.

Nas suas percucientes observações, nas suas aflitas indagações, Machado compreendeu vitalmente o começo do *Eclesiastes*:

Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade. Passa uma geração, vem outra, e a terra continua a mesma. O sol se levanta e o sol se põe, torna ao lugar, e

aí mesmo renasce. Parte do sul o vento e caminha para o norte; gira, gira, e retoma seu percurso. Todos os rios correm para o mar, e o mar não fica mais cheio; e os rios continuam a correr para seu desaguardo. Tudo enfada e cansa. (...) O que foi será; o que se fez se tornará a fazer; e não há nada de novo debaixo do sol. (...) Tudo é vaidade e perseguição do vento. *Vanitas uanitatis et omnia uanitas...*

Estranha linguagem para um livro santo! Inaudita mensagem de Deus!

Voltei-me para outras, e vi as opressões que se fazem debaixo do sol, e as lágrimas dos inocentes, e que ninguém os consola; nem eles podem resistir à violência, porque se acham carentes de todo socorro. E saudei mais os mortos do que os vivos, e considerei mais feliz do que uns e outros aquele que ainda não nasceu e que não viu os males cometidos debaixo do sol. Contemplei outra vez todos os trabalhos dos homens e verifiquei que seus talentos e habilidades sofrem o olhar oblíquo dos invejosos: e também nisto há vaidade e perseguição do vento.

(*Eccl.*, 4, 1-4)

Será que o autor sagrado, instrumento de Deus, quer levar-nos ao desespero cínico? Mil vezes não! Desde logo ele nos previne que «tudo é vaidade e perseguição do vento». «Deus é inocente», como já descobrira Platão no termo de sua *República*, num vôo alto de seu alto espírito. Quanto mais sabe disto quem recebeu as luzes da Revelação, que lhes acrescenta: «Deus é Amor» (*I Jo.*, 4, 16)

Então?

Aquele, desatinado e confuso, é o espetáculo *sub sole*, «debaixo do sol», no circuito dos horizontes terrestres, neste mundo invadido pelo pecado, pecado que brota do coração do homem e nasce da inspiração do demônio.

O *Eclesiastes* não nos deixa atônitos, perplexos com gosto de cinza no paladar, porque seu epílogo nos recompõe, armados agora de Sabedoria, para não dar às coisas efêmeras mais valor que a fluida efemeridade:

Conclusão do discurso, depois de ouvido de ponta a ponta. Teme a Deus, e observa Seus mandamentos, dever de todo homem. Porque Deus levará a juízo todas as ações, tudo que está oculto, quer seja bom, quer seja mau.

(*Eccl.*, 12, 13-14)

Machado não atentou bem no epílogo. Certamente sentiu algo do seu peso, porque, numa carta à noiva Carolina, de 2 de março de 1868, lhe diz:

Depois... depois, querida, queimaremos o mundo, porque só é verdadeiramente senhor do mundo quem está acima das suas glórias fofas e das suas ambições estereis.

*

* *

Na verdade, a obra do mestre, após a crise existencial dos quarenta anos, reduz-se a uma longa, variada, por vezes chistosa, não raro trágica e dolorida glosa da mensagem do *Eclesiastes*. A análise que faz do «desconcerto do mundo», das conseqüências do pecado, do império da injustiça, do infinito teatro das vaidades, do segredo dos corações, neles desdobrando as últimas fibrilas — essa análise põe de manifesto a raiz do mal: o amor-próprio, a autodeificação. «Eu sou eu, legislo para mim mesmo, e não sofro contestação de minha soberania» — *eritis sicut dii, scientes bonum et malum*. (Gen., 3,5).

Neste sentido, ousou dizer que, para quem o radiografou, a leitura de Machado de Assis torna-se leitura espiritual, no sentido religioso do termo. Sobretudo hoje em dia, quando se nos propõe um cristianismo temporalizado, reformista das «estruturas» da sociedade, ao mesmo passo que nos inculcam a idéia de que, mudadas as estruturas, transformado ficará o homem. Sobretudo hoje, quando nunca se fala em amor-próprio e se deixa transparecer claro que o único pecado é a injustiça social.

Essa confiança na força mágica da «mudança das estruturas» é tipicamente marxista e, portanto, anticristã. Machado repeliu tal receita barata, desdenhou das reformas, riu-se a valer do jogo das ambições políticas, vendo nelas simples «perseguição do vento». Todo o romance *Esau e Jacó* está assente nesta pauta. Bastaria lembrar o episódio do confeitiro Custódio; recordar a maneira como o Conselheiro Aires noticia a proclamação da República («na Rua do Ouvidor soube que os militares fizeram uma revolução»); ou deitar olhos para este passo:

Foi em Caracas, onde ele [o Conselheiro Aires] servira na qualidade de adido de legação. Estava em casa, de palestra com uma atriz da moda, pessoa chistosa e garrida. De repente, ouviram um clamor grande, vozes tumultuosas, vibrantes, crescentes...

— Que rumor é este, Carmen? perguntou ele entre duas carícias.

— Não se assuste, amigo meu: é o governo que cai.

— Mas eu ouço aclamações...

— Então é o governo que sobe. Não se assuste.
Amanhã é tempo de ir cumprimentá-lo.

(*Esau e Jacó*, cap.XL,§ 1-5)

Sim, Machado descobriu que o mal está na vontade perversa do homem, descobriu que a virtude, a verdadeira honestidade consiste na adesão plena da vontade ao Bem objetivo, à retidão. Descobriu que essa inteireza é muito rara, quando, por exemplo, compara o comum dos homens a colchas-de-retalho. Deixa ver claro, a seu modo, a inconformidade com a meia-moral das aparências, a moral para inglês ver.

Se eu quisesse ilustrar isto, aqui ficaria horas a referir passagens e mais passagens dos romances e, principalmente, dos contos. Cinjo-me — nem poderia ser de outro modo — a uma citação quase tomada ao acaso, como está, em que o defunto Brás Cubas, refestelado na sua poltrona de além-túmulo, nos mostra o agir humano todo condicionado pelo julgamento alheio, ou marcado pela constante simulação, que acaba pelo auto-convencimento através do auto-fingimento. Aí vai:

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o *melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo*, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há platéia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados.

(*Brás Cubas*, cap. XXIV,§ 3)

*
* *

Machado crítico literário ou cronista fala da religião com muito respeito, como convém a um homem educado e fino; mas o ficcionista não deixa de sublinhar, também aí, a pouca densidade, a força do hábito, o mimetis-

mo ou a mescla de superstição, realmente muito comuns no «catolicismo burguês» daquela época, ainda por cima desfigurado pelo regalismo.

De par com isto, a indiferença dos varões, para quem a devoção, a prática e a obediência à Igreja eram como ornatos femininos. Coisa de espíritos fracos.

Respiguemos, aqui e ali:

Virgília era um pouco religiosa.

Não ouvia missa aos domingos, é verdade, e creio até que só ia às igrejas em dia de festa, e quando havia lugar vago em alguma tribuna. Mas rezava todas as noites, com fervor, ou, pelo menos, com sono. Tinha medo às trovoadas; nessas ocasiões, tapava os ouvidos e resmoneava todas as orações do catecismo.

(*Ibidem*, cap.LVII,§3)

Tendo-lhe nascido morto o primeiro filho, minha mãe pegou-se com Deus para que o segundo vingasse, prometendo, se fosse varão, metê-lo na igreja. Talvez esperasse uma menina.

(*D. Casmurro*, cap.XI,§2)

Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, — caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido

(*Brás Cubas*, cap.XI,§5)

Bem diferente era o tio Cônego. Esse tinha muita austeridade e pureza; tais dotes, contudo, não realçavam um espírito superior, apenas compensavam um espírito medíocre. Não era homem que visse a parte substancial da igreja; via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as sobrepeles, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração dos mandamentos.

(*Ibid.*, cap.XI,§8)

Não esqueça dizer que Rubião tomou a si mandar dizer uma missa por alma do finado, embora soubesse ou pressentisse que não era católico. Quincas Borba não dizia pulhices a respeito de padres, nem desconceituava doutrinas católicas; mas não falava nem da Igreja nem dos seus servos. Por outro lado, a veneração de Humanitas fazia desconfiar ao herdeiro que essa era a religião do testador.

(*Quincas Borba*, cap.XIX,§1)

*
* *

A partir da crise dos quarenta anos, da decisiva mudança, para sondar os abismos da natureza humana; da brutal experiência metafísica que fez do Nada; do mergulho nos arcanos da contingência do ser contingente; da fina e rara descoberta do erro fundamental da civilização em que viveu, o erro de se fundar no perecível, na vaidade, nas aparências, nas riquezas, na perseguição do vento — a partir dessa crise, Machado foi-se recompondo.

Vanitas uanitatum et omnia uanitas...

Numa carta ao grande amigo Joaquim Nabuco, datada de 9 de agosto de 1906, portanto já órfão de Carolina, Machado abre-lhe esta confidência:

Desde cedo li muito Pascal e afirmo-lhe que não foi por distração. Ainda hoje, quando torno a tais leituras e me consolo no desconsolo do *Eclesiastes*, acho-lhe o mesmo sabor de outrora.

Dentre as traduções que o poeta Machado de Assis empreendeu, figo uma, do Salmo 136, o mais típico e o mais belo dos salmos do cativo:

Super flumina Babylonis, illic sedimus et fleuimus, cum recordaremur Sion...

Ou em vernáculo machadiano:

Junto aos rios da terra amaldiçoada
De Babilónia, um dia nos sentamos,
Com saúdades de Sião amada.

As harpas nos salgueiros penduramos
E, ao lembrarmos os extintos dias,
As lágrimas dos olhos desatamos...

(*Poesias*, ed. Garnier, 1901, p. 222)

«Consolo-me no desconsolo do *Eclesiastes*», «com saúdades de Sião amada».

Tenho para mim que aqui está o «abre-te, Sésamo» da obra do nosso maior escritor.

*
* *

Como disse atrás, o *Eclesiastes* tem desafiado a argúcia dos exegetas, que tomaram caminhos diversos na interpretação e até na crítica textual. Dado o insólito de certos discursos, comentadores houve que falassem em

mais de um autor para o estranho livro. Até oito, apareceu quem aventasse nestes mil e novecentos anos de constante e profundo exame da Bíblia.

Uma das mais recentes, senão a mais recente «leitura» ortodoxa do desafiante *Cophelet* é a de R. Pautrel, tradutor e comentador do livro, na famosa *Bíblia de Jerusalém* (cf. *La Sainte Bible*, Paris, Les Éditions Du Cerf, 1956).

Para ele, o autor do *Eclesiastes* é um só, devendo-se entender a aparente pluralidade de autores como uma discussão interior, um dilaceramento do espírito. O *Cophelet* seria uma espécie de *eu* a debater-se com um *anti-eu*, seria um homem terrivelmente perturbado com o espetáculo da vida.

Abrindo diante de nós o absurdo do mundo, em que não se vê justiça, em que os maus são premiados e os bons são oprimidos e caluniados, em que tudo passa, em que as felicidades são fugazes e tantas vezes deixam gosto de cinza na boca; mostrando-nos de maneira tão viva, tão dramática os «desconcertos do mundo», o *Eclesiastes* quer-nos induzir ao desaparego real e total às coisas transitórias, e inculcar-nos o seguro refúgio no temor de Deus. Entretanto, diz-nos Pautrel, é um livro ainda incompleto, que não traz em si o último selo: «Ele prepara o mundo à compreensão de que bem-aventurados são os pobres». (*Op. cit.*, p.847).

Temos aí, pois, que uma das mais modernas e mais lúcidas exegeses do desafiador *Eclesiastes*, a que adotou um homem apurado na Escola Bíblica de Jerusalém, entende que o «sétimo selo» do livro é o Sermão da Montanha.

Por estranho que pareça, teve essa mesma visão Machado de Assis, cinqüenta anos antes do especialista hierosolimitano.

Numa crônica datada de 25 de março de 1894, conta-nos ele que, Semana Santa, entrou na igreja para ver os ofícios. Observou bem as pessoas que enchiam o templo: quase só mulheres. Aspirou o incenso, foi-se envolvendo pela atmosfera litúrgica:

Soou o cantochão. Chegou-me o incenso. A imaginação deixou-se-me embalar pela música e inebriar pelo aroma, duas fortes asas que a levaram de oeste a leste. Atrás dela foi o coração, tornado à simpleza antiga. E eu resurgí, antes de Jesus. E Jesus apareceu-me antes de morto e ressuscitado, como nos dias em que rodeava a Galiléia, e, abrindo os lábios, disse-me que a sua palavra dá solução a tudo.

— Senhor, disse eu então, a vida é aflitiva, e aí está o *Eclesiastes* que diz ter visto as lágrimas dos inocentes, e que ninguém os consolava.

— 'Bem aventurados os que choram, porque eles serão consolados'.

- Vêde a injustiça do mundo. ‘Nem sempre o prêmio é dos que melhor correm, diz ainda o *Eclesiastes*, e tudo se faz por encontro e casualidade’.
- ‘Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos’.
- Mas é ainda o *Eclesiastes* que proclama haver justos aos quais provêm males.
- ‘Bem aventurados os que são perseguidos por amor da justiça, porque deles é o reino do céu’.

E assim por diante. A cada palavra de lástima respondia Jesus com uma palavra de esperança.

Mas já então não era ele que me aparecia, era eu que estava na própria Galiléia, diante da montanha, ouvindo com o povo. E o sermão continuava. Bem-aventurados os pobres de espírito. Bem-aventurados os pacíficos. Bem-aventurados os mansos...

(*A Semana*, ed. de Mário de Alencar, s/d, p. 126-127)

Aí está. Em linguagem mística se chama a isto um toque de Graça, acolhida e fecunda. Desvenda-se o mistério humano da angustiosa e longa pergunta — com o mistério divino do Amor e da Salvação...

Termino dizendo que esta, a meu aviso, é a chave para entender o sentido final e arcano da obra de ficção machadiana. Não se pode isolá-la das cartas, das crônicas, deste trecho agora alegado. Elas e ele desmentem a tese do pessimismo radical. Ou a tese de um Afrânio Coutinho, a de um Mário Matos, a do próprio Barreto Filho, o mais arguto de todos.

Sim, porque, na verdade, Machado de Assis mergulhou fundo os olhos no espetáculo do *sub sole*, para erguê-los depois, banhados na luz da Esperança Teologal.